



redação de
CAMPEÃO

Aula 20-

“Os efeitos causados pelo ser e parecer nas redes sociais”

Professora Candice Almeida

Professor João Filipe Magnani

contato@redacaodecampeao.com.br; www.redacaodecampeao.com.br

Ser, Ter, Parecer, Aparecer (Flavio Gikovate)

Por em 12/01/2015 - <http://flaviogikovate.com.br/ser-ter-parecer-aparecer/>

Em 1976, Erich Fromm publicou um livro cujo título, “Ter ou Ser”, indicava que estava em curso uma mudança fundamental. As alterações nos valores culturais acompanham, em geral com certo atraso, as que acontecem no plano dos avanços da tecnologia – especialmente quando eles estão diretamente ligados ao cotidiano da maioria dos cidadãos. Nosso “habitat” vem mudando drasticamente principalmente a partir da II Grande Guerra. Nós, humanos, interferimos continuamente sobre o ambiente que nos cerca; depois temos que nos adaptar às mudanças que nós mesmos provocamos. Por vezes, levamos um susto com o que nos acontece, como se não fôssemos nós os causadores de tudo!

Até os anos 1960, os valores que as pessoas mais prezavam eram a integridade moral, o conhecimento, as boas e sólidas relações de amizade, a competência para o exercício de uma atividade socialmente útil. Em uma frase, os valores mais relevantes tinham a ver com o conteúdo das pessoas mais do que com a aparência delas. O indivíduo se orgulhava de ser professor, médico, empresário... Era o tempo em que o “ser” valia mais que tudo, mais do que a remuneração que se obtinha em decorrência da atividade que se exercia.

A partir dos anos 1970, os critérios de valor começaram a se alterar e o pêndulo se voltou essencialmente na direção do que se consegue “ter”, ou seja, o que mais se passou a valorizar foi o montante que se ganha e quais os bens que podem ser adquiridos com esse dinheiro. As marcas de grife ganharam fama enorme e se tornaram cada vez mais conhecidas de todos. A maior parte das pessoas passou a desejá-las com vigor: o uso de uma determinada bolsa e de certas marcas de relógio passou a indicar a importância e a posição social de quem os possui. Tornaram-se fonte de respeitabilidade.

A remuneração que se obtém passou a ser mais importante do que as aptidões necessárias para o exercício de uma dada atividade. Ser rico tornou-se muito mais relevante do que ser culto, produtivo ou mesmo honesto. É claro que foram muitos os que conseguiram unir todas as propriedades e enriqueceram em decorrência do exercício de atividades produtivas que exigem sofisticação intelectual

e mesmo integridade moral. Porém, passaram a chamar a atenção e atrair a admiração mais pelo que tinham do que por aquilo que eram.

Numa época em que ser o possuidor de um dado modelo de relógio (ou de bolsa, para citar apenas os símbolos mais expressivos das mudanças nos valores que temos acompanhado) significava ter uma determinada posição econômica, os concorrentes menos valorizados começaram a produzir exemplares que imitavam as propriedades do original. Os que não podiam comprar o relógio mais cobiçado não tinham alternativa senão se contentar com as imitações que, à distância, não eram tão facilmente diferenciadas. Assim, entramos numa nova era, na qual o importante é “parecer” que se possui a riqueza necessária para a posse dos bens materiais agora valorizados acima de tudo. Depois dos relógios mais em conta e que imitavam os mais desejados vieram os falsificados, cópias baratas e de má qualidade, mas ainda assim usados por um bom número de pessoas e que foram capazes de enganar a um bom número de pessoas mais desavisadas. De repente, não importa mais nem ser e nem mesmo ter: apenas parecer!

Na última década fomos introduzidos, via internet, às redes sociais, ao universo novo dos contatos virtuais. Se, na fase em que o ter passou a prevalecer sobre o ser, pudemos observar um enorme crescimento do exibicionismo físico (na “era” do ser também havia certo exibicionismo intelectual, porém mais sutil e discreto), agora as pessoas passaram a querer mais que tudo “aparecer”. Elas postam fotos suas nas mais diversas situações, todas elas encantadoras e dignas de provocar a inveja de seus “amigos”, que “curtem” o que veem com toda a hipocrisia própria dos que se empenham em disfarçar seus reais sentimentos.

Temos caminhado cada vez mais na direção da superficialidade, saindo do “miolo” para a “casca”. Agora a ocupação principal de muita gente é a de exibir uma imagem encantadora de si mesma, sendo que a veracidade daquilo que se exhibe interessa cada vez menos. O importante é provocar suspiros de admiração nos interlocutores cada vez mais distantes e menos relevantes.

A inveja dos outros - 22/08/2013 – Contardo Calligaris – Folha de S. Paulo

“Circulando de madrugada, passo pela entrada de uma balada. Há uma longa fila de espera, há seguranças imponentes e há uma “hostess” que escolhe quem pode entrar. Em Nova York, entram até desconhecidos, se forem bizarros, interessantes e decorativos. Em São Paulo, parece que a lista de clientes VIPs é soberana. Os outros esperam noite adentro, tentando ganhar a simpatia da “hostess”. Vale a pena? O que acontecerá se eles forem admitidos? Pois é, será uma noite sensacional: eles tirarão fotos que postarão no Facebook e no Instagram.

Em geral, com as fotos, eles esperam receber a mesma inveja que eles destinam aos VIPs: por isso, exibirão poses parecidas com o que eles imaginam que os VIPs (os que entraram na balada há tempos) fazem quando se divertem (loucamente).

E o que fazem os VIPs? Pois é, essa é a parte mais

estranha: os VIPs imitam as poses dos que os invejam e imitam, pois, eles constataam, essas são as poses que mais suscitam inveja.

De fato, na balada, muitos, VIPs e mortais comuns, apenas esperam a ressaca de amanhã. Mas, no círculo vicioso da inveja, a experiência efetiva é irrelevante; não é com tal ou tal outra vida e história concretas que se sonha: sonha-se ser o que os outros sonham.

A inveja é, por assim dizer, uma emoção abstrata: o privilégio não precisa dar acesso a uma fruição especial da vida (sensual ou espiritual, tanto faz), ele só precisa suscitar inveja. Ou seja, privilégio não é o que faço ou o que acontece de extraordinário em minha vida, mas o olhar invejoso dos outros.

Nesse mundo, em que a inveja é um regulador social, as aparências são decisivas porque elas comandam a inveja dos outros. Por exemplo, o que conta não é “ser feliz”, mas parecer

invejavelmente feliz.

Nesse mundo, o ter é mais importante do que o ser apenas porque, à diferença do ser, o ter pode ser mostrado facilmente. É simples mostrar o brilho de roupas e bugiganga aos olhos dos invejosos. Complicado seria lhes mostrar vestígios de vida interior e pedir que nos invejem por isso.

O Facebook é o instrumento perfeito para um mundo em que a inveja é um regulador social. Nele, quase todos mentem, mas circula uma verdade de nossa cultura: o valor social de cada um se confunde com a inveja que ele consegue suscitar.”

Black Mirror – Episódio: Queda Livre

Queda Livre trata da história de uma garota, Lacey Pound, que vive em uma realidade na qual as pessoas são ranqueadas a partir de sua classificação com base em estrelas (de 0 a 5) em uma rede social que parece ser universal e totalmente incorporada às instituições. Com um perfil aspiracional, Lacey tenta conquistar o maior número possível de pessoas para conseguir o Desconto Influenciador, concedido a usuários com notas a partir de 4,5, no valor de aluguel de uma casa que pretende morar. É quando recebe o convite para ser dama de honra no casamento de sua velha amiga, Naomi, que vê a possibilidade de conseguir essa nota. (ccncast.com.br)

Leia trecho da entrevista do professor Leandro Karnal para a Exame.com em 2/2/2017.

EXAME.com – O fracasso pode criar um ciclo vicioso: a melancolia gera mais problemas e os problemas geram mais melancolia. Como escapar desse mecanismo?

Leandro Karnal – Em primeiro lugar, é preciso aceitar que há uma parte da vida que necessariamente dá errado. A morte chegará. As pessoas que eu amo podem desaparecer. Posso perder o emprego. Posso ser uma pessoa ruim. A existência tem sempre uma dimensão trágica. Tristeza não é um problema, não é algo excepcional.

Note que estou falando de tristeza, não de depressão. Depressão é uma doença grave, que requer acompanhamento profissional e tratamento. Já a tristeza é uma ferramenta de aprendizado. Se eu não quero sair da tristeza, é porque ela me dá um conforto. Talvez o meu medo de enfrentar um novo mercado de trabalho seja tão grande que eu vou me refugiar na melancolia. “Não dá, não tem jeito, é assim mesmo”. Porque o medo é maior.

Acontece que os países, as empresas e as pessoas se reorganizam na crise — para o bem ou para o mal. É a partir de uma crise nacional profunda que emerge a figura de um Winston Churchill. É também numa crise nacional profunda que emerge um Adolf Hitler. A crise é um grande momento, pode gerar muitas transformações e aprendizados.

O problema é que a “geração Facebook” acha que a vida só é plena se você pode publicar fotos felizes. Na verdade, a felicidade engorda. A tristeza faz você se movimentar.

EXAME.com – A morte do sociólogo Zygmunt Bauman no início do ano reacendeu o debate sobre a deterioração das relações humanas na era da internet. Redes sociais como o Facebook geram uma falsa ideia sobre o sucesso alheio?

Leandro Karnal – Toda tecnologia é neutra. Um martelo pode fixar um prego para pendurar um quadro, mas também pode assassinar uma pessoa. A rede também é neutra, tudo depende do que fazemos com ela.

Vivemos na sociedade do espetáculo, em que toda a atenção é voltada para imagem. O que precisamos entender é que tudo aquilo que se publica no Facebook é de autoria de um roteirista. É alguém construindo uma imagem. Se eu acredito naquilo, o problema não é a internet, mas a minha dor e o meu vazio. A rede alimenta um problema antigo, que é enxergar no outro o fracasso dos meus próprios projetos.

EXAME.com – A inveja pode ensinar alguma coisa?

Leandro Karnal – O sucesso alheio me incomoda porque não estou olhando para mim mesmo, meu foco está nos demais. A palavra “inveja” é formada por “in” e “vedere”, que significam “não ver” em latim. Quando não me vejo, não enxergo o meu próprio desempenho, olho excessivamente para o outro.

A psicanálise diz que, se você sentiu dor pela felicidade do outro, isso é uma pista maravilhosa, porque revela algo sobre você e sobre o que você quer. Refletir sobre a própria inveja ajuda a reconhecer os seus desejos, entender os seus fracassos, olhar de novo para si mesmo.

Dialética da inveja

A inveja é o mais dissimulado dos sentimentos humanos, não só por ser o mais desprezível mas porque se compõe, em essência, de um conflito insolúvel entre a aversão a si mesmo e o anseio de autovalorização, de tal modo que a alma, dividida, fala para fora com a voz do orgulho e para dentro com a do desprezo, não logrando jamais aquela unidade de intenção e de tom que evidencia a sinceridade.

Que eu saiba, o único invejoso assumido da literatura universal é *O Sobrinho de Rameau*, de Diderot, personagem caricato demais para ser real. Mesmo *O Homem do Subterrâneo* de Dostoiévski só se exprime no papel porque acredita que não será lido. A gente confessa ódio, humilhação, medo, ciúme, tristeza, cobiça. Inveja, nunca. A inveja admitida se anularia no ato, transmutando-se em competição franca ou em desistência resignada. A inveja é o único sentimento que se alimenta de sua própria ocultação.

O homem torna-se invejoso quando desiste intimamente dos bens que cobiçava, por acreditar, em segredo, que não os merece. O que lhe dói não é a falta dos bens, mas do mérito. Daí sua compulsão de depreciar esses bens, de destruí-los ou de substituí-los por simulacros miseráveis, fingindo julgá-los mais valiosos que os originais. É precisamente nas dissimulações que a inveja se revela da maneira mais clara.

As formas de dissimulação são muitas, mas a inveja essencial, primordial, tem por objeto os bens espirituais, porque são mais abstratos e impalpáveis, mais aptos a despertar no invejoso aquele sentimento de exclusão irremediável que faz dele, em vida, um condenado do inferno. Riqueza material e poder mundano nunca são tão distantes, tão incompreensíveis, quanto a amizade de Abel com Deus, que leva Caim ao desespero, ou o misterioso dom do gênio criador, que humilha as inteligências medíocres mesmo



quando bem sucedidas social e economicamente. Por trás da inveja vulgar há sempre inveja espiritual.

Olavo de Carvalho (Folha de S. Paulo, 26 de agosto de 2003)

MÃOS À OBRA

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **“Os efeitos causados pelo ser e parecer nas redes sociais”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Seu texto deve ter entre 07 e 30 linhas escritas.

